Encontrar o que sou

Louis LAVELLE

[De *L'Erreur de Narcisse*, Paris, Grasset, 1939, pp. 54-55. Tradução de Olavo de Carvalho para exclusivo uso em classe pelos alunos do Seminário de Filosofia. Proibida a difusão por quaisquer meios.]

Em face de outrem, a sinceridade é um esforço para abolir toda diferença entre nosso ser real e nosso ser manifestado; mas a verdadeira sinceridade é sinceridade ante si mesmo; ela consiste não propriamente em mostrar o que se é, mas em encontrá-lo. Ela exige que, para além de todos os planos superficiais da consciência, onde não fazemos senão experienciar estados, nós penetremos até àquela região misteriosa onde nascem aqueles desejos profundos e consentidos que dão a toda a nossa vida o seu ponto de ligação com o absoluto. Pois o olhar que dirigimos a nós mesmos produz em nós os melhores efeitos ou os piores conforme o objeto para o qual se volta e conforme a intenção que o dirige. Ou ele não toma em consideração senão os nossos estados, para os quais ele mostra sempre demasiada complacência, ou então ele remonta à fonte deles e nos liberta da sua escravidão.

O próprio da sinceridade é obrigar-me a ser eu mesmo, isto é, a tornar-me eu mesmo aquilo que sou. Ela é uma busca da minha própria essência, que começa a adular-se desde que empresto do exterior os motivos que me fazem agir. Pois essa essência não é jamais um objeto que eu contemple, mas uma obra que realizo, o chamado à ação de certas potências que estão em mim e que murçam tão logo cesso de exercê-las.

A sinceridade é portanto um ato indivisível de entrada em si e de saída de si, uma busca que é já uma descoberta, um engajamento que já é ultrapassagem, uma espera que é já um apelo, uma abertura que é já um ato de fé ante uma revelação sempre latente e sempre prestes a surgir. Ela é o traço de união entre o que sou e o que quero ser.

Pode-se dizer que ela é uma virtude do coração e não da inteligência. “Lá onde está o vosso coração, aí está o vosso verdadeiro tesouro.” O que basta a explicar por que a sinceridade traz sempre mais riqueza do que as mais resplandecentes mentiras.